

ARTIGOS

**TRAJES, CALÇADOS E ORNAMENTOS
DOS ROMANOS.****CARLOS ALBERTO IANNONE**da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de
Marília (SP).**I. — Introdução.**

O romano, nos seus afazeres cotidianos em casa ou no trabalho e, principalmente, nos dias festivos e nas cerimônias apresentava uma indumentária bem variada. A própria organização da sociedade de Roma, distribuída em várias camadas, contribuiu para que surgisse um grande número de peças de vestuário.

Graças às inúmeras fontes e à origem românica de grande parte do mundo ocidental, os trajes romanos tornaram-se mais conhecidos para nós do que os gregos, embora aqueles derivassem destes. Entretanto, o espírito criador e inovador do povo romano propiciou o aparecimento de novos trajes, calçados e ornamentos que adotaram formas que os tornaram característicos de Roma.

*

II. — A indumentária do homem.

Como traje interior o romano vestia a *tunica*. De origem oriental, estendeu-se até a Grécia (1) e Itália, onde se usou como peça única. A *tunica*, que não deve ser confundida com a camisa de linho chamada *tunica interior*, *subucula* ou *strictoria* própria dos dias frios, no tempo do Império, era uma veste de lã e consistia em duas peças de tecido, *pegulae*, costuradas juntas, de modo que a parte anterior

(1). — Entre os gregos dois eram os tipos de túnicas: “quitón dório”, de lã, atingindo os joelhos, sem mangas e fixo aos ombros por meio de fivelas; “quitón jônio”, originário da Ásia Menor, amplo, com mangas compridas ou curtas. Essas vestes diferiam em detalhes, conforme a classe e sexo dos indivíduos.

chegasse abaixo dos joelhos e a posterior às panturrilhas. Geralmente era apertada nos rins por um cinturão. Andar *discincti*, isto é, sem o cinturão, ou vestir uma *tunica* demasiado comprida, era contrário aos bons costumes. No século III, usou-se, com elegância, as túnicas com mangas compridas, as *manicatae*, que chegavam aos punhos. Primitivamente, esse tipo de túnica era usado pelas mulheres e pelos homens afeminados. A mudança, no hábito, foi registrada por Santo Agostinho que, ao se referir aos homens que usavam as *manicatae*, escreveu:

“talares et manicatas tunicas habere apud Romanos veteres flagitium erat, nunc autem honesto loco natis, cum tunicati sunt, non eas habere flagitium est” (2).

Vários eram os tipos de túnicas: *delmatica*, *colobium*, *talaris*, *palmata* ou *picta*, *laticlavia*, *angusticlavia*, *recta* e a *exomis*.

O ornamento mais comum da túnica consistia numa banda de púrpura denominada *clavus* que servia para indicar a posição social a que pertencia a pessoa. Os senadores, com efeito, levavam o *latus clavus* ou *laticlavium*, os cavaleiros, o *angustus clavus* ou *angusticlavium*.

A túnica *delmatica*, muito rica, que passou a ser usada em substituição à *toga*, era confeccionada em lã, linho ou seda. Um tipo especial de *delmatica*, sem mangas ou com mangas curtas, a *colobium*, constituiu-se no traje predileto dos artífices. A *recta* era a túnica dos jovens, sem enfeites, simples. Em ocasiões excepcionais, quando se festejava o triunfo, os vencedores levavam a *tunica palmata* assim denominada por possuir uma banda de púrpura bordada com palmas de ouro. Como variedade de túnica, a *exomis* — derivada do *quitón* grego — aberta no flanco direito, era a veste dos artesãos.

A *toga* era o traje oficial dos romanos. Em épocas distantes, usava-se sob a *toga* uma veste simples chamada *subligar*, *campestre* ou *cinctus*, cuja função era a de cobrir o baixo ventre. Por esta circunstância, a *toga* estava em seu maior contato com o corpo nu. Com o decorrer dos anos, o *subligar* passou a ser usado apenas pelas famílias que se apegavam ao traje antigo e as quais Horácio, na *Ars Poetica* chamou *cinctuti Cethegi*, para exprimir “gente de molde antigo”, pelos trabalhadores do campo e pelos romanos que se exercitavam no *Campus Martius*, vasta planície à margem esquerda do Tibre que ser-

(2). — “Trazer túnicas talares e com mangas era uma vergonha para os antigos romanos, e agora, ainda para os nascidos em casa ilustre, quando vão tunicados, não é vergonha levá-las” (de Doct. Christ., III, 20).

via para serviços militares, comícios e cerimônias religiosas. A *subligar* foi substituída pela *tunica*, como traje para se vestir sob a *toga*.

Levada em princípio por homens e mulheres (3) a *toga*, vestuário nacional dos romanos — *gens togata* —, passou a ser traje exclusivamente masculino. Não era usada quando se estava em família, mas, no exercício de alguma função pública, a *toga* era o traje indispensável e com ela devia mostrar-se, em Roma, todo cidadão que queria passar por escravo ou por modesto trabalhador. Os senhores, que tinham a ambição de levar em seu séquito um bom número de clientes, exigiam destes que levassem a veste oficial dos romanos. Desse modo, a *toga*, símbolo da autoridade do magistrado, da dignidade do homem político e da superioridade nacional, do povo nascido para o Império, no cliente, tornou-se *libré*.

Usada somente em tempo de paz, a *toga* era colocada sobre o pescoço, envolvendo as costas e caindo à frente em dois fragmentos de comprimento desigual: o esquerdo, do ombro aos pés; o direito, muito mais largo, erguia-se até o pescoço e lançava-se às costas, por cima do ombro esquerdo. Outras vezes passava sob a axila direita, deixando liberdade de movimentos ao braço. Colocá-la era uma operação bastante complicada e, para isso, era preciso da ajuda do *vestiplicus*, escravo que dispunha suas pregas desde a véspera. A parte central desta vestimenta, repleta de pregas e enchimentos, de que os elegantes cuidavam minuciosamente, chamava-se *sinus*.

Não se sabe com exatidão qual a forma da *toga*. Pela disposição das pregas observada nas estátuas, não se admite a forma quadrada ou retangular e a opinião dos entendidos oscila entre o semi-círculo e o círculo completo.

Na maioria dos casos a *toga* não vinha acompanhada de ornamentos. Era de um branco natural, mas os candidatos a funções públicas deviam envergar uma *toga* branqueada a giz ou gesso, o que lhe dava um aspecto brilhante (*toga candida*). Os poderosos, entretanto, começaram a usar togas de esplendorosa brancura, iguais às que eram usadas por aqueles que ostentavam cargos de importância, chamados por isso *candidati*. Os ricos usavam-nas de lã muito fina e branca, salvo em caso de luto. Os pobres de lã grosseira e escura. Os consules, pretores e triunfadores usavam-nas com riscas de cores diversas e bordadas de ouro (*toga picta*). Quando estavam de luto ou diante de uma calamidade pública, trocavam a *toga* branca pela negra ou cinza. O imperador usava uma *toga* de cor púrpura. Os rapazes

(3). — As mulheres abandonaram, pouco a pouco, o uso da *toga*, conservada apenas por aquelas de costumes fáceis, e a palavra *togata*, aplicada a uma mulher, acabou por designar uma mulher pública.

até os dezessete anos e as moças antes do casamento usavam a *toga praetexta*, branca, bordada com um filete de púrpura e, muitas vezes, com ela, a *bullā*, pendente do pescoço; aos dezessete anos os rapazes começavam a usar a *toga* dos adultos, *virilis* e, daí em diante, eram considerados aptos para exercer os cargos da República. Os áugures e outros sacerdotes levavam a *toga trabea*, assim chamada por ter franjas, *trabes*, horizontais, de brilhante cor escarlate ou bordadas em púrpura.

Além da *toga* os romanos usavam outros trajes exteriores: os mantos. Mais práticos que aquela, os mantos eram variados e recebiam a denominação geral de *amictus*. O *pallium* ou ἱμάτιον grego, manto mais curto e simples do que a *toga*, de forma retangular, era bem prático e não impedia a liberdade de movimentos. A *lacerna* era, originariamente, uma espécie de manteleta militar, semelhante à χλαμύς grega, manto quadrado ou retangular, usado sobre as costas e seguro mediante um colchete, enquanto o resto da peça ficava solto. Por elegância podia ser usada de diversas cores, embora fosse mais comum a branca. Dotada de capuz, o mais comum era levá-la aberta e solta, atada ao peito. Proveniente da Gália, durante a República era usada unicamente pelos soldados. Seu uso generalizou-se mais tarde, tornando-se vestuário de luxo, feito de estofos leves e bordados. A *paenula* era um manto muito simples. Usado para abrigar-se do frio e do mau tempo, possuía uma abertura central por onde se enfiava a cabeça. Caía normalmente sobre os ombros, sem necessidade de colchetes ou fivelas, sendo provida de capuz. Muitas eram confeccionadas de peles, *paenula scertia*, ou de feltros, *paenula gausapina*. Durante as viagens, as matronas também usavam-nas. Um manto redondo, de tecido grosso, parecido com o *sagum militare*, era a *laena*, também chamada *duplex* devido a sua espessura ou porque era colocada dobrada sobre os ombros. O povo geralmente usava-a curta e sem cores, mas apresentava-se ricamente colorida a que se usava nos banquetes. Muito semelhante à *laena*, quanto à forma e a aplicação, era a *abolla*. Atada aos ombros, foi usada primitivamente pelos soldados e depois teve uso generalizado entre a população burguesa. O *cucullus* era um manto grosso, com capuz. A *casula*, envolvendo completamente o homem, era comparável a uma pequena casa, originando dessa maneira o seu nome. Era aberta pelo alto, para entrar a cabeça, e pelos lados, caindo para a frente e por trás desde o ombro até meia perna. O *bardocucullus*, espécie de manto de um povo da Ilíria e, provavelmente de certos gauleses, com mangas e capuz, foi adotado pelos romanos, sobretudo entre os artistas e os escravos. O *birrus*, de lã e às vezes de pele de castor, era abotoado no peito e servia para preservar o corpo do frio e da chuva. A *caracalla*, comprida até os pés — *caracalla*

talaris — foi trazida da Gália pelo imperador Marco Aurélio Antonino, que a introduziu entre os soldados (*caracalla Antoniniana*). Possuía mangas compridas e vinha cingida por um cinturão. Aliás, o cinturão, chamado *cigulus* pelos romanos, tem muita aplicação na sua vestimenta. Servia tanto para suster as peças de vestuário como para adornar e manter suspensos pequenos objetos. Foi tão grande sua importância que serviu, inclusive, para qualificar as pessoas, segundo o seu aspecto exterior. As cuidadosas em seu porte eram chamadas *altecinctius* ou *praecinctius*; as que se apresentavam com aspecto descuidado, *discinctius*. Graças a ele também se distinguiam os soldados em *cingi*, alistados, e *discingi*, despedidos.

Um elegantíssimo gibão, muito ajustado e finamente guarnecido, a *synthesis* ou *vestis cenatoria*, era usado durante os banquetes ou nas festas *Saturnais*, quando todos, até mesmo os magistrados, deixavam de lado a *toga*.

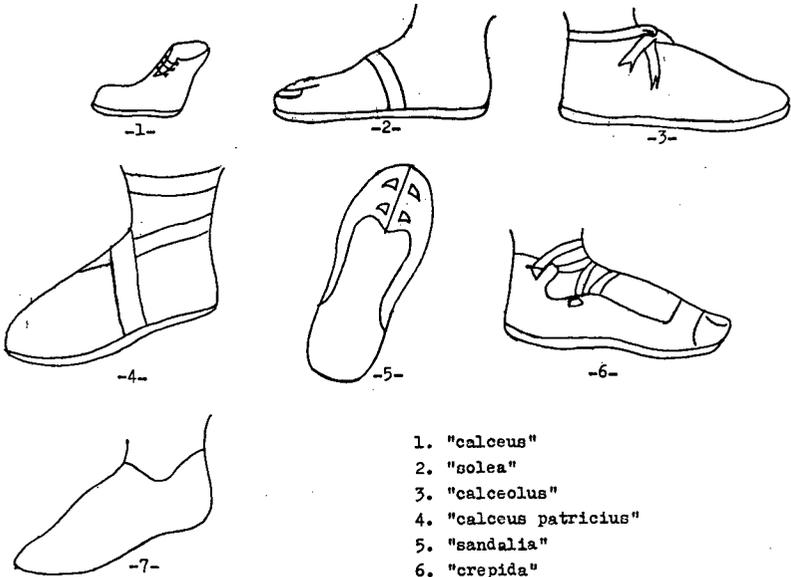
Para ser vestido depois dos exercícios de ginástica, quando o corpo estava todo banhado de suor, ou em caso de aguaceiros repentinos, havia um manto grosso chamado *endromide* (*endromis*, *endromida*).

O *paludamentum* era uma capa branca ou escarlate, vestida pelos generais, que a recebiam solenemente no Capitólio, antes de partirem para a guerra. Adornada com bordados variados, foi reservada, no tempo do Império, aos imperadores. Por parecer-se com o *sagum*, se bem que mais comprida, grossa e de melhor tecido, chamou-se *sagum purpureum*. O *sagum* a que já nos referimos anteriormente era a capa militar do tempo da guerra, em contraposição à *toga*, levada em tempos de paz. Em princípio quadrada e depois redonda, de comprimento que atingia os joelhos, tinha uma cor parda para os soldados e branca para os oficiais. Finalmente, a *alicula*, assim denominada porque, ao movimento da pessoa que a levava e com o vento, flutuava nas costas, como um par de pequenas asas. Manto muito livre e curto, abotoado na altura do pescoço, era usado habitualmente pelos pastores e gente do campo. Entretanto, havia *aliculas* ricas, com soberbos ornamentos.

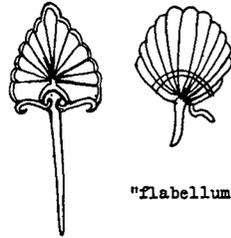
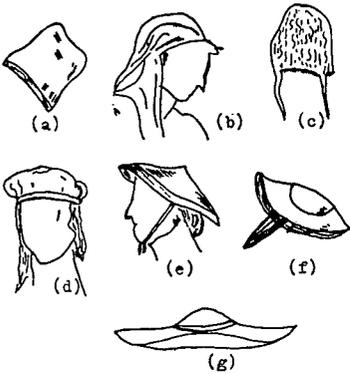
*

III. — Trajes femininos.

Como traje interior, além da *tunica*, igual ou semelhante à do homem, a mulher romana usava uma *fascia pectoralis*, também chamada *mamillare*. O *subligar*, segundo parece, era usado somente durante o banho.



1. "calceus"
2. "solea"
3. "calceolus"
4. "calceus patricius"
5. "sandalia"
6. "crepida"
7. "soccus"



- | | |
|---------------|-----------------|
| (a) "pilleus" | (b) "cucullus" |
| (c) "galerus" | (d) "calantica" |
| (e) "abattus" | (f) "petasus" |
| (g) "causia" | |

Exteriormente, como já nos referimos atrás, tanto os homens como as mulheres levavam a *toga*. Em Varron, seg. Nônio, 541, 2-4, lemos:

“enlim *toga fuit commune vestimentum et diurnum et nocturnum et muliebre et virile*” (4).

Entretanto, o vestido feminino diferenciou-se do masculino e a *toga*, com o passar dos anos, foi imposta à mulher só como sinal de impureza, se era adúltera ou de fáceis costumes. Como veste nacional, as matronas usavam a *stola*. Veste comprida — *ad talos stola demissa* — como disse Horácio (*Sat.*, II, 99), a *stola* era presa com um cinturão e possuía mangas que cobriam o braço por completo ou até o cotovelo. Assim descrita, a *stola* não parecia muito diferente da *tunica* de mangas compridas, que a mulher romana usava dentro de casa. O que dava um caráter diferencial à *stola* era a *instita*, guarnição de púrpura pendente da borda trazeira da peça. Por falta de testemunhas arqueológicas — não se logra, com efeito, descobrir a *instita* nas estátuas *stolatae* — não se sabe, na realidade, como era essa guarnição de púrpura, isto é, se têm razão os escritores que falam dela como *tenuissima fasciola*, ou os que a qualificam de longa. Igualmente, não se consegue estabelecer precisamente qual a diferença existente entre a *stola* da matrona que havia conseguido o *ius trium liberorum* e a das demais. No século III a *stola matronalis* foi substituída, da mesma forma que a *toga* dos varões, por grande número de mantos: *deltmatica*, *colobium*, etc.

Nos primeiros séculos da época republicana, as romanas usavam, para sair em público, uma sobreveste, o *ricinium*, simples manto quadrado que cobria as espáduas e talvez, como se supõe, a cabeça. Contudo, nos últimos séculos da República e na época imperial deu-se preferência à *palla*, traje largo que se colocava como o *ἰμάτιον* grego.

*

IV. — Calçados e ornamentos.

Os calçados romanos e gregos possuíam as mesmas características. Para melhor estudá-los, torna-se conveniente dividi-los em grupos e abordar em separado cada tipo.

No primeiro grupo, temos o mais elementar de todos, o denominado *solea*. Formado por uma simples sola, fixava-se ao pé mediante uma tira de couro. Como variedade desse primeiro tipo, havia a *fulmenta*, cuja sola era tríplice.

No segundo grupo, temos o *calceus*. Era o calçado nacional romano. Acompanhava, geralmente, a *toga* e era feito de pele macia, cobrindo totalmente o pé, onde era fixado mediante correias, chamadas *corrigia*, pela frente. Havia vários tipos desse calçado e o seu uso variava segundo a importância da pessoa. O *calceus patricius* ou *mulleus*, usado pelos senadores, era vermelho e atava-se por meio de quatro tiras de couro, duas das quais fixavam o calcanhar e as outras duas rodeavam o tornozelo. Era fechado por uma lingueta de pele, a *ligula*, adornada com uma fivela em forma de meia-lua e de marfim, a *lunula*. Na época imperial, a *lunula* deixou de ser privilégio e passou a ser ornamento de qualquer calçado elegante. O *calceus senatorius* era muito semelhante ao *patricius*, este, porém de cor negra e sem *lunula*. O *calceus repandus* possuía uma ponta aguda e virada para o alto.

O terceiro grupo é representado pela *sandalia*, calçado intermediário entre a *solea* e o *calceus*. Se, de um lado, o *calceus* era caracteristicamente romano, a *sandalia* era o calçado grego por excelência. Consistia numa pele de boi, que formava a envoltura do pé, alçando-se um pouco sobre os dedos, que cobria em parte, e atava-se com tiras de couro. Esse tipo de calçado passou logo para Roma, onde não se permitia usá-lo em público. Ao contrário, era inconveniência de outro gênero usar os *calcei* na residência dos outros. O convidado a um banquete, por exemplo, ordenava a um de seus escravos que levasse à casa do anfitrião as *soleae*, para colocá-las ao entrar no triclínio, sala de refeições com três leitos dispostos em volta de uma mesa. Se o convidado fosse pobre, sem escravos, ele próprio encarregava-se de levá-las embrulhadas, como o *conviva tribulis* de Horácio (*Epist.*, I, 13, 14), que vai ao convite levando as *soleae* sob o braço.

Ao terceiro grupo pertencem ainda a *crepida* e o *obstragulum*. O primeiro consistia em uma grossa sola costurada a um pedaço de pele que cobria os lados do pé e oferecia umas aberturas chamadas *ansae*, por onde passavam as tiras de couro, que a fixavam ao pé, ascendendo às vezes pela perna. O segundo, muito semelhante ao anterior, tinha duas tiras de couro passando por entre o dedo polegar e os restantes.

Havia, além desses, outros tipos de calçados que não pertenciam a nenhum dos grupos acima. O *soccus* era um calçado que cobria inteiramente o pé, sem necessitar de correias. Na Grécia era usado igualmente por homens e mulheres, mas em Roma seu uso era restrito às mulheres (*soccus muliebris*). O *sculponae* era uma sandália com sola de madeira, usada pelos escravos no trabalho do campo. O *carbantinae*, semelhante ao *crepida*, era o mais simples de todos. Consistia num pedaço de pele que formava a sola e subia para cobrir o pé, fi-

xando-se através de correias. A *gallicae*, originária das Gálias, embora considerada algum tempo como anti-nacional, foi muito usada pelos romanos. Era um tipo de sapato baixo com uma ou mais solas e apresentava-se, geralmente, aberto. A *caliga*, pesado calçado usado pelos soldados e também pelas pessoas do povo, possuía uma grossa sola cravejada; a pele cobria o pé por completo e atava-se com tiras de couro que circulavam a perna. O *pero*, usado pelos pastores e agricultores, era uma alta bota de pele sem curtir.

Entre os calçados dos homens e os das mulheres não havia grandes diferenças. Os mesmos tipos serviam para ambos os sexos. Entretanto, os calçados femininos possuíam de particular a vivacidade das cores, entre as quais o vermelho e o dourado, e a riqueza dos ornamentos. Equivalente ao *calceus*, o *calceolus* era exclusivamente feminino. De pele suave e cores diversas, cobria totalmente o pé e era atado mediante um laço. A pele era muito suave e chamava-se *aluta*. A *sandalia* usada pela mulher romana possuía sola e a pele cobria toda a parte anterior do pé, deixando nua a parte posterior. Escravas especiais, as *sandalige rulae*, incumbiam-se de levar os calçados de cerimônia de suas amas, quando estas saíam.

Os romanos, via de regra, andavam com a cabeça descoberta. Entretanto, quando empreendiam alguma viagem de verão ou quando permaneciam várias horas sob o sol, costumavam cobrir a cabeça com capuzes ou chapéus. Para o vento, frio e chuva levavam, como vimos anteriormente, um manto grosso com um capuz, chamado *cucullus*. Nas festas Saturnais, quando a *toga* era substituída pela *synthesis*, elegante e enfeitada, todos colocavam um gorro, o *pilleus*.

De um modo geral, três eram os tipos de abrigo para a cabeça: o *petasus*, a *causia* e o *abbatus*. O primeiro, originário da Tessália, foi adotado inicialmente pelos gregos e depois pelos romanos. Com abas largas, possuía uma alça para fixá-lo à cabeça, na nuca. A *causia* era originária da Macedônia. Também tinha abas largas, mas ligeiramente voltadas para cima. O terceiro tipo era usado pelos pescadores e marinheiros. Redondo, possuía, como os anteriores, grandes abas.

Em segundo plano, destacavam-se o *galerus*, o *albogalerus*, o *redimieulum*, a *calantica*, dentre outros. O *galerus*, gorro de pele sem curtir, era comumente levado pelos camponeses e caçadores. Os flâmines, sacerdotes de Roma, levavam um gorro especial denominado *albogalerus*. Feccionado em pele branca, possuía em sua parte superior uma pequena estaca ponteaguda (*opex*). O *redimieulum* era um abrigo para a cabeça constituído por uma larga banda atada sob o

queixo e que, quando solta, pendia sobre os ombros e o peito. A *calantica*, de origem egípcia, foi adotada pelas mulheres e homens afeminados. Era uma espécie de boina, com uns panos pendentes nos dois lados da face. Raramente as mulheres cobriam a cabeça. Quando saíam de casa, costumavam abrigá-la com uma das bordas do manto, a *palla*. O mesmo não se pode dizer, com relação a outros ornamentos. Deste modo eram bem variados os tipos de bolsas, leques e guarda-sóis, além de anéis, braceletes, fivelas e brincos.

O leque, *flabellum*, era originário do Oriente e introduziu-se inicialmente na Grécia. Generalizou-se na época da Comédia Nova, passando a ser peça imprescindível no *mundus muliebris* greco-romano. Sua forma e decoração variava de acordo com a moda e o talento dos fabricantes. Era fixo e não pregueado, como os de origem japonesa, e fabricado de vários materiais. Não se diferenciava muito do *muscarium* e era usado também para refrescar e espantar moscas. Nas grandes comitivas, era frequente o uso das leques de elevado porte, acionados com ambas as mãos pelos *flabrarii* ou *flabelligeri*, jovens escravos. Não raras vezes o *flabellum* foi usado no lar e nos sacrifícios, para avivar o fogo. O guarda-sol, *umbella* ou *umbra culum*, bem como o leque, na rua, eram carregados pela escrava que acompanhava a dama romana, nos seus passeios.

O anel era o único ornamento varonil. Nos tempos da austeridade republicana, era usado como emblema de autoridade pelos magistrados, que o empregavam como selo. Dava autenticidade ao compromisso e ao testemunho. Petrônio, antes de morrer, quebrou o seu anel, para que não se abusasse do seu selo (Tácito, *Ann.* XVI, 19). Geralmente o anel era de ferro, mas no estrangeiro o embaixador romano usava-o de ouro. Era colocado no dedo anular da mão esquerda e o seu uso era permitido tão somente às pessoas livres. Durante o Império, por luxúria, seu uso estendeu-se às mulheres. De ouro e ricamente adornados com pedras preciosas (os que tinham duas pedras chamavam-se *bigemnis*), eram guardados em preciosos cofres chamados *dactylothecas*. Os plebeus adornavam-se com anéis de materiais inferiores, a menos que, como prêmio de alguma ação nobre, lhes fosse concedido o direito de usá-los de ouro.

Além dos anéis finamente trabalhados, em cujas pedras se costumavam gravar fórmulas de bom presságio, as damas romanas levavam outros ornamentos. A *fibula*, fivela empregada para fixar e adornar vestidos, era feita principalmente de marfim, prata e ouro e, em algumas ocasiões, estava ornada e enriquecida com pedras preciosas. Uma *fibula* de pequeno tamanho era usada para fixar os extremos da *vitta*, cinta com que as mulheres de Roma rodeavam a cabeça e que

servia para assegurar o penteado. Atava-se na parte posterior e era usada também pelos homens e mulheres dedicados ao culto de Vesta, deusa do fogo e do lar. Os brincos, chamados *inaures*, eram feitos de ouro, com inúmeras pedras preciosas, excluindo-se o diamante que era próprio dos anéis. Devido ao seu tinir, pois as romanas colocavam mais de um brinco em cada orelha, recebiam o nome de *crotalia*. Havia, porém, brincos mais simples e de menor valor que consistiam em pequenos aros, sem pedras. Os braceletes, *armillae*, eram de ouro, com trabalhos em relevo ou pedras preciosas e, geralmente, possuíam forma de serpente. As *moniliae*, colares de diversas formas, eram feitos com pedras em forma de contas, de estrelas, etc. Exemplos luxuosos foram encontrados nas escavações da Etrúria. As romanas usavam ainda grampos, *acus crinales* ou *comatoriae*, e correntes para o pescoço.

Em resumo, a matrona romana não achava nada estranho transformar-se em uma joalheria ambulante, embora a *Lex Oppia*, votada em Roma durante a segunda Guerra Púnica (215 a. C.), tentasse re-frear o luxo das mulheres. Não resistindo às oposições, essa lei, embora recente, caiu logo em desuso e as senhoras romanas continuaram a usar, como disse Sêneca (*De Benef.*, VII, 9, 4), verdadeiros patrimônios.